

WOLE SOYINKA

AKÉ.  
os anos de infância



kapulana  
editora

***Aké: os anos de infância,***  
original de 1981:

Um dos 12 melhores livros  
africanos do século XX  
(ASC Library)

*Aké: os anos de infância* é uma autobiografia que transcende as biografias tradicionais centradas na pessoa do narrador. Ao relatar seus dias da primeira infância, sempre rodeado de livros, Soyinka nos presenteia com um retrato de época marcado por acontecimentos, conversas, sonhos e preocupações do narrador e de todos os que ele observa ou que com ele convivem.

A chegada do rádio e da eletricidade à casa de Wole, a visão do primeiro avião em Aké, a ameaça de Hitler e a luta das mulheres por liberdade são fatos acompanhados das reflexões de uma criança curiosa que chama o pai de “Ensaio” e a mãe de “Cristã Impetuosa”.

Uma atenção especial é dada pelo autor nigeriano, de origem lorubá, às expressões da cultura local, como as canções, comidas, bebidas, vestuário e religião, em um país colonizado pelos ingleses.

**WOLE SOYINKA**

**AKÉ:**  
os anos de infância

Tradução  
Carolina Kuhn Facchin

**kapulana**

São Paulo  
2020

Título original: Aké: the years of childhood

Copyright © 1981 by Wole Soyinka

Portuguese translation rights arranged with Melanie Jackson Agency, LLC

Copyright © 2019 Editora Kapulana Ltda. – Brasil

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil a partir de 2009.

Direção editorial:	Rosana M. Weg
Tradução:	Carolina Kuhn Facchin
Projeto gráfico:	Daniela Miwa Taira
Capa:	Mariana Fujisawa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Soyinka, Wole, 1934-  
Aké: os anos de infância/ Wole Soyinka;  
tradução Carolina Kuhn Facchin. -- 1. ed.--  
São Paulo: Kapulana, 2020.

Título original: Aké: the years of childhood  
ISBN 978-65-990121-2-9

1. Escritores nigerianos 2. Memórias  
autobiográficas 3. Soyinka, Wole, Aké 4. Soyinka,  
Wole, 1934 I. Título.

20-43990

CDD-920

Índices para catálogo sistemático:

1. Memórias autobiográficas 920

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

2020

Reprodução proibida (Lei 9.610/98).

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Kapulana Ltda.  
São Paulo – SP – [www.kapulana.com.br](http://www.kapulana.com.br)

# Nota da tradutora

Wole Soyinka é um autor fundamental. Primeiro homem negro a receber o Prêmio Nobel de Literatura, em 1986, Soyinka é um dramaturgo por excelência, mas também escreve romances, biografias, ensaios, poesia e contos, além de traduzir histórias tradicionais do iorubá pra o inglês. Muito pode ser dito sobre a biografia desse escritor, ativista e, como ele mesmo se definiu em entrevista para a rede de televisão CGTN Africa, “glutão da tranquilidade”.

Mas esta nota diz respeito ao meu trabalho de tradução de *Aké: os anos de infância*, as memórias de infância de Soyinka. Durante esse processo de tradução, diversas vezes me perguntei como era possível que só agora, 39 anos depois do lançamento do livro, ele estivesse sendo traduzido no Brasil. Onde estão as obras do Soyinka, por que não estão todas publicadas aqui? São perguntas frequentes em meu trabalho junto à Kapulana, que se empenha na publicação dessas obras ignoradas.

Em *Aké*, Soyinka mistura uma escrita fluida de memórias esparsas e eventos pontuais, com a oralidade das personagens de Abeokuta que ele encontrava em sua infância – oralidade esta que tentei emular no português brasileiro. Além disso, também é frequente o uso de palavras e expressões, canções, poemas e ditados em iorubá, a língua falada naquela parte da Nigéria. Essas palavras são traduzidas em notas de rodapé do autor, o que traz uma riqueza de significados para o texto.

*Aké* é mais do que um livro de memórias: é a história de um lugar e de um tempo, o primeiro avião passando, o medo de Hitler, o rádio chegando em casa e trazendo As Notícias, a Insurreição da União das Mulheres de Abeokuta, a luta pela independência da Nigéria. E a linguagem de Soyinka, pensada e adaptada para

melhor recontar cada um desses episódios, foi extremamente desafiadora como tradutora – e um enorme prazer.

Foi uma honra traduzir esse homem grande e escritor espetacular. Agora, viajamos juntos para Aké e para as memórias de um menino.

Curitiba, agosto de 2020.

Para Eniola (a “Cristã Impetuosa”)  
e à memória de “Ensaio”.  
E também para Yeside, Koyode e Fọlabọ,  
que não habitam o espaço de memória  
dos anos relatados nestas páginas.







O terreno disperso e ondulado é toda Aké. Foi algo mais do que mera lealdade à paróquia que deu à luz um enigma, e um ressentimento, por Deus ter escolhido olhar de cima para seu próprio posto de devoção, os terrenos da paróquia, das alturas profanas do Itókò. Havia, é claro, o mistério do estábulo do Chefe, com cavalos vivos, perto do pico da colina, mas, para além disso, essa estrada vertiginosa era apenas uma subida íngreme que ia de um mercado barulhento para outro, o olhar alto atravessando Ibàràpa e Ita Aké e adentrando os cantos mais secretos da paróquia.

Em dias nublados, a subida vertiginosa do Itókò encontrava o céu. Se Deus não vivia ali de fato, havia pouca dúvida de que ele pousava primeiro em seu cume, então dava um passo gigantesco sobre aqueles mercados tagarelas – que ousavam vender aos domingos – até a Igreja de São Pedro, e depois visitava a paróquia para um chá com o Cônego. Havia pelo menos o consolo de que, apesar da tentação de chegar a cavalo, ele nunca parasse antes no Chefe, que todo mundo sabia que era pagão; é certo que o Chefe nunca era visto nas cerimônias da igreja, exceto nos aniversários da coroação do Alake. Em vez disso, ele ia direto para o sermão matinal, dava uma passada breve no sermão da tarde, mas reservava sua presença mais formal e exótica para o sermão noturno, que, em sua honra, era sempre celebrado na língua inglesa. O órgão assumia uma sonoridade sombria e nebulosa no sermão da noite, e não havia dúvida de que estava adaptando seus sons normais para acompanhar as respostas sepulcrais de Deus, com seu timbre de *egúngún*<sup>1</sup>, àquelas preces que lhe eram oferecidas.

Somente a residência do Cônego podia receber o Convidado semanal. Para começar, era a única edificação com mais de um andar na paróquia, quadrada e estólida como o Cônego, repleta de janelas emolduradas por madeira preta. O Paço do Bispo também tinha andares,

---

<sup>1</sup> Festival ancestral de máscaras.

mas só alunos moravam lá, então não era uma casa. Do andar mais alto da casa do Cônego, *quase* dava para encarar o topo do Itókò, bem no seu olho pagão. A casa se erguia como o ponto habitado mais alto da paróquia, por pouco não ultrapassava o portão. Ela dava as costas para o mundo de espíritos e *ghommids*<sup>2</sup> que habitavam a floresta densa e perseguiam até em casa crianças que perambulavam longe demais à procura de lenha, cogumelos ou lesmas. A casa branca na praça do Cônego era o bastião contra a ameaça e o cerco desses espíritos da floresta. A parede dos fundos demarcava o território deles, impedia que eles tomassem liberdades no mundo dos humanos.

Somente as salas de aula das crianças compartilhavam essa proximidade com a floresta, e elas ficavam vazias à noite. Cercada por muros rebocados e ásperos, pelas paredes sem janelas dos fundos das casas, por túmulos de pedra que as árvores gigantes tentavam em vão obscurecer, a paróquia de Aké, com seus telhados de ferro, tinha um ar de fortaleza. Seguros ali dentro, nós descíamos ou escalávamos livremente por entre planos sobrepostos e intercalados, quedas vertiginosas de paredes rochosas, vegetações rasteiras e esconderijos inesperados em pomares. O hibisco crescia desenfreado. O ar pesava com os perfumes de folhas de limão, goiabas, mangas, grudava com a seiva de plantas *boum-boum* e as secreções dos chorões. Os terrenos da escola eram delimitados por esses chorões, com extensos galhos sombreados. Pinheiros se elevavam acima das acácias, e florestas de bambu nos deixavam permanentemente ansiosos; se cobras-monstro tivessem escola, os amontoados de bambu seriam sua habitação ideal.

Entre o lado esquerdo da casa do Cônego e os campinhos da Escola, ficava o Pomar. Era variado demais, abundante demais, para ser chamado de horta, ou mesmo de horta de frutas. E havia plantas e frutas lá que faziam do pomar uma extensão das aulas de religião, das lições dominicais ou dos sermões da igreja. Uma planta folhosa, pintada de branco e vermelho, era chamada de *canna* lírio. Quando Cristo foi pregado à Cruz e seus ferimentos jorraram sangue, algumas gotas se prenderam às folhas do lírio, marcando-as para sempre. Ninguém se preocupava em explicar a causa das manchas brancas que também

---

<sup>2</sup> N. da T.: Termo que abrange diferentes criaturas/*daemons* do folclore iorubá que vivem na floresta.

apareciam abundantes em todas as folhas. Talvez tivesse a ver com lavar os pecados no sangue de Cristo, o que deixava até os pontos mais manchados na alma de uma pessoa brancos como a neve. Também havia o maracujá, nascido de outra parte daquela mesma história, que não era, porém, uma favorita entre nós, as crianças. Sua pele verde e exuberante era agradável quando aconchegada na palma da mão, mas amadurecia em um amarelo ressecado, murchando como as faces dos homens e mulheres velhos que conhecíamos. E quase não era doce, reprovando, assim, no teste infalível do que seria uma fruta de verdade. Mas a rainha do pomar era a romã, que crescia não tanto de uma semente da igreja física, mas do lirismo da Escola Dominical. Pois era na Escola Dominical que se contavam as histórias verdadeiras, histórias que existiam nos eventos em si, cruzavam as fronteiras do tempo dos domingos ou as folhas da Bíblia, e adentravam um mundo de terras, homens e mulheres lendários. A romã era mesquinha em sua produção. Ela entregava seu fruto externamente duro só de vez em quando, cultivado com paciência pela face e pelas mãos repletas de veias grossas que pertenciam a alguém que nós conhecíamos apenas como Jardineiro. Era só no Jardineiro que se podia confiar para compartilhar o fruto ocasional entre o pequeno, mas dedicado, grupo de espectadores da romã, mas mesmo a mais pequenina fatia nos transportava para o mundo ilustrado das Histórias Bíblicas Recontadas. A romã era a Rainha de Sabá, rebeliões e guerras, a paixão de Salomé, o cerco de Troia, e o Louvor à beleza no Cântico dos Cânticos. Essa fruta, que tinha a aparência e o toque de um coração de pedra, abria as cavernas de Ali Babá, extraía o gênio da lâmpada de Aladim, dedilhava as cordas da harpa para restaurar a sanidade de Davi, repartia as águas do Nilo, e enchia nossa paróquia com incenso do templo esfumaçado de Jerusalém.

Só crescia no Pomar, o Jardineiro contava. A romã era estrangeira ao solo do homem negro, mas um antigo bispo, um homem branco, tinha trazido as sementes e as plantado no Pomar. Nós perguntamos se ela era a maçã, mas o Jardineiro só riu e disse que Não. E acrescentou que essa maçã não seria encontrada no solo do homem negro. O Jardineiro foi considerado ignorante. Era óbvio que só a romã podia ser a maçã que tinha custado a Adão e Eva os prazeres do paraíso. Havia ainda uma outra fruta localmente chamada de maçã, macia, mas firme, de pele rosinha e razoavelmente suculenta. Antes do advento da romã, ela tinha

assumido a identidade da maçã que arruinou o casal nu. Provar a romã desmascarou essa impostora, e tomou seu lugar.

Enxames de morcegos habitavam a figueira, e seus excrementos entupidos de sementes cobriam as pedras, gramados, caminhos e arbustos antes do amanhecer. Uma árvore sempre-verde, delicada e desenfreada, ladeava o campinho ao lado da propriedade do livreiro, desafiando o harmatã; ela enchia a paróquia de um concerto incansável de pássaros tecelões.

Algo perverso aconteceu na paróquia de Aké. A terra quebrou, os gramados secaram, e o mistério desapareceu de seus esconderijos outrora secretos. Cada novo dia descerrava uma abertura escondida, um bolsão de pedras, um amontoado de arbustos e uma colônia de lesmas. A carcaça de motocicleta não se moveu de seu ponto de escala, onde crianças costumavam subir nela a caminho de locais fabulosos; agora é apenas uma ruína, seus olhos, órbitas enferrujadas, sua cara de dragão em colapso devido à perda progressiva dos dentes. O incinerador abandonado, com suas ervas daninhas vicejantes e cobras cintilantes, está marcado por um monte de lama. As casas sobreviventes, casas que formavam os batalhões da paróquia de Aké, são agora caixotes em uma paisagem desértica: rangentes, expostas e sem força.

E as mudanças de humor se foram. Até mesmo os gramados extensos e caminhos largos, ladeados por pedras brancas, lírios e capim-limão, mudavam de natureza a cada estação, dos dias úteis para os domingos, e entre o meio-dia e o cair da noite. E os ecos das paredes na Paróquia Baixa adquiriam novas tonalidades com as estações, mudavam com o esvaziamento dos gramados quando as escolas se dispersavam para as férias.

Se eu deitava no gramado em frente a nossa casa, o rosto voltado para o céu, minha cabeça na direção do Paço do Bispo, cada perna esticada apontava para os terrenos internos da Paróquia Baixa. Metade da Escola Anglicana para Meninas ocupava um desses espaços baixos, e a outra metade era ocupada pelo Paço do Bispo. Essa parte baixa continha as salas de aula do ensino médio, um dormitório, um pequeno pomar com mamões, goiabas, uns bambus e vegetação rasteira que crescia para todos os lados. Sempre era possível encontrar lesmas por lá nas estações chuvosas. No outro terreno baixo ficava o livreiro, um

homem franzino com uma esposa calminha em cujas costas amplas todos nós, uma hora ou outra, dormíamos ou reavaliávamos o mundo. A propriedade dele tornou-se um atalho até a estrada que levava a Ibarà, Lafenwá ou Igbèin e sua Escola de Gramática, onde Ransome-Kuti era reitor e vivia com sua família. A propriedade do livreiro tinha o único poço da paróquia; na estação de seca, a casa dele estava sempre cheia. E o solo dele parecia ser o único a produzir coqueiros.

O Paço do Bispo da Paróquia Alta não existe mais. O Bispo Ajayi Crowther às vezes emergia dos arbustos de hortênsias e buganvílias, uma cara de gnomo com olhos saltados, cuja foto oficial tinha nos encarado pela primeira vez do frontispício de sua biografia. Ele tinha morado, a professora nos informou, no Paço do Bispo, e daquele momento em diante ele espiava através das plantas altas sempre que eu passava por lá para entregar alguma coisa na casa da nossa tia-avó, a Sra. Lijadu. O Paço do Bispo tinha sido transformado em um dormitório para a escola das meninas, e em mais um espaço de brincadeiras para nós durante as férias. O Bispo estava sentado, silencioso, no banco debaixo do pórtico de madeira que ficava sobre a entrada, a túnica completamente entrelaçada pelas gavinhas crescentes das buganvílias. Eu cheguei mais perto quando os olhos dele se transformaram em órbitas. Minha mente se estendeu para uma outra fotografia, na qual ele vestia um traje clerical com um colete, e me perguntei o que ele realmente mantinha na ponta daquela corrente prateada que desaparecia para dentro de um bolso. Ele sorriu e disse, “Aproxime-se, eu mostro para você”. Enquanto eu me movia para perto do pórtico, ele puxou a corrente até ter na mão um relógio de bolso todo redondo com brilho de prata maciça. Ele apertou um botão e a tampa se abriu, revelando não o vidro do mostrador, mas um buraco profundo repleto de nuvens. E daí ele deu uma piscadela com um olho, que caiu da cara dele para dentro da vasilha do relógio. Ele piscou o outro olho, que se juntou ao parceiro dentro do relógio. Ele fechou a tampa com um estalo, acenou novamente e sua cabeça ficou careca, os dentes desapareceram, e a pele foi repuxando para trás até as bochechas embranquecidas ficarem expostas. Ele então se levantou e, colocando o relógio de volta no bolso do colete, deu um passo em minha direção. Eu corri para casa.

Às vezes parecia que o Paço do Bispo queria se igualar à casa do Cônego. Ele parecia uma casa-barco, apesar de ser guardado por pedras

brancas e flores luxuosas, a treliça de madeira em sua fachada quase totalmente imersa em buganvílias. E ele ficava na sombra daquelas pedras onipresentes de cujas rachaduras milagrosamente cresciam árvores altas e de troncos robustos. Nuvens se amontoavam e as pedras se fundiam em sua usual turbulência cinza, e as árvores eram carregadas para frente e para trás até estarem suspensas sobre o Paço do Bispo. Isso só acontecia durante tempestades violentas. O Paço do Bispo, ao contrário da casa do Cônego, não fazia fronteira com pedras nem com a floresta. Os campinhos das meninas ficavam entre eles, e nós sabíamos que esses mediadores sempre tinham estado ali. Era óbvio que Bispos não tinham disposição para desafiar espíritos. Só os vigários conseguiam. Que o Bispo Ajayi Crowther tivesse me espantado daquela propriedade com sua estranha transformação só confirmava que os Bispos, depois de mortos, juntavam-se ao mundo dos espíritos e fantasmas. Eu não conseguia imaginar o Cônego apodrecendo daquele jeito bem na frente dos meus olhos, nem o Reverendo J. J., que tinha uma vez ocupado aquela casa, há muitos anos, quando minha mãe era como nós. J. J. Ransome-Kuti havia de fato expulsado diversos *ghommids* durante sua vida; minha mãe confirmava este fato. Ela era sobrinha-neta dele e, antes de vir morar na nossa casa, ela tinha morado na residência do Reverendo J. J.. O irmão dela, Sanya, também tinha morado lá, e todos reconheciam que ele era um *òrò*<sup>3</sup>, o que o deixava muito à vontade na floresta, mesmo à noite. Uma vez, porém, ele deve ter entrado longe demais.

“Eles já tinham vindo nos visitar”, ela disse, “para reclamar. Veja, eles não entravam mesmo na propriedade, eles paravam lá longe, na beirada, onde a floresta termina. O líder deles, o que falava, soltava faíscas duras de uma cabeça que parecia uma bola de brasas – não, eu estou confundindo duas ocasiões – isso foi da segunda vez, quando ele nos fez correr até em casa. Da primeira vez, eles só mandaram um emissário. Ele era muito escuro, baixinho e trigueiro. Ele subiu até o quintal e ficou lá paradinho, nos mandando chamar o Reverendo.

“Era como se o Titio estivesse esperando a visita. Ele saiu da casa e perguntou o que o emissário queria. Nós nos juntamos na cozinha e ficamos espiando.”

“Como era a voz dele? Ele falava como um *egúngún*?”

---

<sup>3</sup> Um tipo de *daemon* das árvores.

“Já chego lá. Esse homem, bom, suponho que se possa chamar de homem. Ele não era bem humano, a gente conseguia ver. A cabeça era grande demais, e ele mantinha os olhos no chão. Daí ele disse que tinha vindo nos denunciar. Eles não ligavam que a gente entrasse na floresta, mesmo à noite, mas a gente tinha que ficar longe das áreas pra além das pedras e daquele amontoado de bambus perto do riacho.”

“Bom, e o que o Titio disse? E você não disse como era a voz dele.”

Tinu me lançou um olhar de irmã mais velha. “Deixa a Mamãe terminar a história.”

“Você quer saber de tudo. Ok, ele falava que nem o seu pai. Satisfeito?”

Eu não acreditei nisso, mas deixei passar. “Continue. O que o Titio fez?”

“Ele chamou todos nós e nos avisou pra ficarmos longe daquele lugar.”

“E mesmo assim vocês voltaram!”

“Bom, vocês conhecem o Titio Sanya. Ele ficou irritado. Pra começo de conversa, as melhores lesmas ficam do outro lado do riacho. Então ele continuou reclamando que aqueles *òrò* estavam sendo egoístas e que ele ia mostrar pra eles com quem eles estavam se metendo. Bom, foi o que ele fez. Mais ou menos uma semana depois, ele nos levou de volta. E ele estava certo, sabe. Nós recolhemos uma cesta cheia e mais meia das maiores lesmas que vocês já viram. Bom, a essa altura a gente já tinha esquecido do aviso, a luz da lua estava bem clara e, enfim, eu já disse que o Sanya é um *òrò*...”

“Mas por quê? Ele parece normal, como você e nós.”

“Você não vai conseguir entender ainda. Enfim, ele é um *òrò*. Então a gente se sentia muito seguro com ele. Até que, de repente, algo que parecia uma luz, tipo uma bola de fogo, começou a brilhar lá longe. Mesmo enquanto ela ainda estava afastada, a gente não parava de ouvir vozes, como se um monte de pessoas ao nosso redor estivesse resmungando as mesmas palavras ao mesmo tempo. Eles diziam algo tipo, ‘Suas crianças teimosas e arrogantes, nós avisamos e avisamos, mas vocês não nos dão ouvidos...’”

A Cristã Impetuosa olhou por cima das nossas cabeças, fazendo uma careta para lembrar melhor. “Nem dá pra dizer ‘eles’. Foi só essa figura de fogo que eu vi, e ela ainda estava longe. Mas eu escutei direitinho, como se várias bocas estivessem coladas bem nas minhas orelhas. A cada minuto a bola de fogo aumentava mais e mais.”

“E o que o Titio Sanya fez? Lutou com ele?”

# WOLE SOYINKA

## Prêmio Nobel de Literatura em 1986

Nasceu em Abeokuta, na Nigéria, em 1934. Seu pai foi pastor anglicano e diretor de escola. Sua mãe dirigia um comércio local e foi ativista dos direitos das mulheres. Sua família pertencia ao povo Iorubá o que muito influenciou sua obra. É conhecido internacionalmente por ser dramaturgo, poeta, romancista e ensaísta. Estudou na Nigéria e no Reino Unido. Atualmente é professor universitário na Nigéria.

Foi crítico severo contra o regime ditatorial na Nigéria por ocasião da guerra civil no país e por isso esteve encarcerado como preso político.

Recebeu vários prêmios, sendo o de maior destaque o “Prêmio Nobel de Literatura”, em 1986.

### A OBRA:

É autor de vasta obra, que inclui peças de teatro, romances, memórias, poemas e ensaios. Alguns destaques:

### Peças de teatro

*The Swamp Dwellers* (encenada em 1958; publicada em 1963).

*The Lion and the Jewel* (encenada em 1959; publicada em 1963).

*The Trial of Brother Jero* (encenada em 1960; publicada em 1963).

*A Dance of the Forests* (encenada em 1960; publicada em 1963).

*Kongi's Harvest* (encenada em 1965; publicada em 1967).

*The Strong Breed* (encenada em 1966; publicada em 1963).

*Madmen and Specialists* (encenada em 1970; publicada em 1971).

*Jero's Metamorphosis* (encenada em 1974; publicada em 1973).

*The Road* (1965) e *Death and the King's Horseman* (1975): (encenadas em 1976).

*The Bacchae of Euripides* (1973), reescreveu *The Bacchae for the African stage and in Opera Wonyosi* (encenada em 1977, publicada em 1981).



*A Play of Giants* (1984).

*Requiem for a Futurologist* (1985).

### **Romances**

*The Interpreters* (1965).

*Season of Anomy* (1973).

### **Autobiografias/ Memórias:**

*The Man Died: Prison Notes* (1972).

*Aké: the years of childhood* (1981).

### **Ensaio literários, em:**

*Myth, Literature and the African World* (1975).

### **Poemas, em:**

*Idanre, and Other Poems* (1967).

*Poems from Prison* (1969).

*A Shuttle in the Crypt* (1972).

*Ogun Abibiman* (1976).

*Mandela's Earth and Other Poems* (1988).

### **PRÊMIOS e DESTAQUES**

1967: John Whiting Award - por *The Interpreters* (1965).

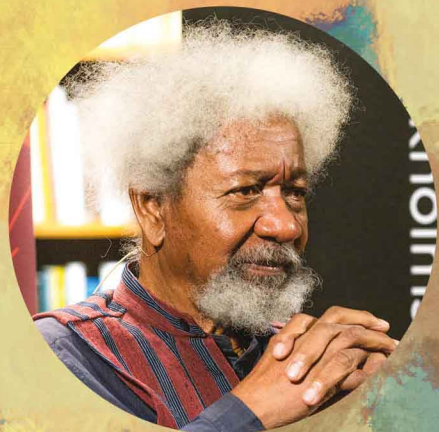
1983: The Annual Anisfield-Wolf Book Awards (Non fiction) – por  
*Aké: the years of childhood* (1981).

1986: Prêmio Nobel de Literatura.

2013: The Annual Anisfield-Wolf Book Awards (Lifetime Achievement) –  
por *The Man Died: Prison Notes of Wole Soyinka* (1972).

*Aké: os anos de infância* (Aké: the years of childhood): considerado um  
dos 12 melhores livros africanos do século XX (ASC Library).





## WOLE SOYINKA

**1º africano negro a receber o Prêmio Nobel de Literatura (1986)**

Nasceu na Nigéria, em Abeokuta, e passou sua infância em Aké, uma missão onde meninos e meninas estudavam em tempo integral. Depois foi para um colégio fora da missão e complementou os estudos no Reino Unido.

Seu pai, um pastor anglicano, era o diretor da escola da missão. Sua mãe, bastante religiosa e ativista dos direitos da mulher, dirigia um comércio local.

Sua obra, vasta e diversa, é composta de poemas, romances, textos de memórias, ensaios e, principalmente, de peças teatrais.

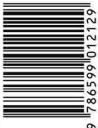
Soyinka, incansável ativista em defesa dos direitos humanos, nos aponta em sua obra, com um olhar curioso e crítico, questões sobre a cultura africana dentro de um contexto amplo e universal.

**WOLE SOYINKA**  
**PRÊMIO NOBEL**  
**DE LITERATURA**  
**1986**

"Uma vez, depois de uma febrona, fiquei com alergia. Lembro que me lavaram todos os dias com o conteúdo daquelas panelas. As ervas e raízes eram trazidas para casa em cestas, fervidas e deixadas para esfriar. Me esfregavam com elas, me davam líquidos pungentes de outras jarras para beber, e me colocavam na cama. Ou eram as pílulas da Srta. McCutter, Oke Padi ou algum outro lugar, e colheradas de fluidos desagradáveis de garrafas bem etiquetadas. Era comum que os dois tipos de remédios fossem administrados ao mesmo tempo, ou alternados dia a dia."

*Wole Soyinka - Aké: os anos de infância*

ISBN: 978-65-990121-2-9



9 786599 012129

**CCL**